

O Mez Modernista

que ia ser futurista

Iniciamos hoje o Mez Modernista. Como já tivemos occasião de dizer, a qualificação que lhe demos foi — Mez Futurista, mas que os chefes do futurismo repoliram energicamente.

Começamos pelo escriptor Carlos Drummond, um dos generaes do futurismo de Minas.

O HOMEM DO PÃO BRASIL

A grande tollice do meu amigo Osvaldo de Andrade é imaginar que descobriu o Brasil. Absolutamente não descobriu tal. O que ele fez foi descobrir-se a si mesmo. Verificou que era brasileiro, achou graça na historia e acabou levando a serio a idéa de patria. Hoje é um dos nossos bons poetas, si bem que não entenda uma palavra de anatomia do verso. Não passou pelo serviço militar da metrica. Ora, eu acho isso quasi indispensavel. A gente só se liberta daquilo que não prende. Ninguem nasce livre. O artista precisa fazer experiencias, medir as suas forças, corrigir-se, educar-se. A metrificação emoldura a fisionomia indecisa do poeta na sua primeira infancia. Depois este dá um tiro na moldura e fica sendo somente quadro. Osvaldo não gosta de aprender. É o unico poeta brasileiro da actualidade que lançou manifesto. Engraçado, inutil e significativo. Engraçado porque todo manifesto faz rir. Inutil porque não prova nada: no maximo desculpa. E significativo porque define Osvaldo, improvisador interessantissimo, de inteligencia pouco applicada, sinão vadia ou impertinente, mas em todo caso penetrante e agil como o diabo. Já leram o manifesto? Pois é honlto mesmo, apesar de tudo. Leram agora o Pão Brasil? Andam dizendo por aí que ha incoerencia entre o livro e o manifesto... Palavra que não achei. E que tivesse: sem importancia. Já disse que manifesto não prova nada. As teorias mais diversas têm isso de commum: são de borracha. Daí, não se pôde obrigar Osvaldo a dar a suas idéas a objectivação que nos convém. O que ele prega, procura ser: credulo, barbaro, pitoresco. Ingenuo, lirico, primitivo. Dizer que sua ingenuidade é falsa, porque de civilizado, me parece injustiça. Ele tenta uma crise de primitivismo, porém não pôde ficar burro de repente (?) nem esquecer o que aprendeu nas Europas. (Aprendeu, por ex., a ser livre.) Não acredito é nas vantagens de seu primitivismo. Penso que o problema da poesia brasileira — e num sentido geral, de toda a nossa literatura — tem de ser atacado doutro modo. Precisamos reagir contra o sentimentalismo e o romantismo, pela cultura cada vez mais intensa. (Impossivel desenvolver este ponto de vista em meia coluna.)

A poesia dele peca por pobreza de processos. É tecnicamente mal construida. Osvaldo apregõa "o equilibrio geometra e o acabamento tecnico". Não procura obtel-os. Excesso de liberdade. A's vezes esse abandono produz efeitos ótimos. Outras vezes estriaga o poema, reduzido a substancia bruta. Vê-se que Osvaldo tem material de mais. Sua poesia é o proprio Brasil. Dizer mal dela, em bloco, é não compreender o Brasil. Agora é urgente que ele desbaste essa materia tão densa, lhe infiltre lirismo, se comova mais. Menos caricatura e trabalho mais profundo da realidade. Arte.

Ainda tenho fé de vel-o escrevendo como todos nós, nem os neologismos absurdos de Miramar nem os balbuciamientos do Pão



Carlos Drummond

Brasil. Com simplicidade simples. Não tenha pressa quanto á formação da lingua brasileira. Aliás, seu ultimo livro é bem superior ao antecedente. As Memorias dão um retrato batuta de João Miramar. O Pão Brasil dá muitas duzias de retratos reclame, mas o ambiente é mais puro, se respira melhor. Aumenta a sensação de ar livre. Com todos os erros, é um livro de-li-ci-o-so. Leiam os Poemas da colonização. Fixam admiravelmente o negro, o soldado, o capoeira. Leiam os dois poemas mais puros do livro: *3 de Maio* e *Ditirambo*.

Como todos os de sua geração, talvez sem saber, Osvaldo de Andrade está se sacrificando para que amanhã os nossos meninos tenham uma poesia com a cor e o cheiro do Brasil.

Carlos Drummond.